



## **A construção da imagem do Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora pela mídia mineira.<sup>1</sup>**

Brênio Peters RIBEIRO<sup>2</sup>

Haydêe Sant' Ana ARANTES<sup>3</sup>

Christina Ferraz MUSSE<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF

### **RESUMO:**

O artigo tem como proposta descrever o primeiro cineclube da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, e analisar suas interações com a imprensa local e regional. O CEC- Centro de Estudos Cinematográficos é tido como um pioneiro no estudo da sétima arte e o trabalho busca resgatar a construção dessa imagem positiva através dos jornais, documentos, correspondências e depoimentos de quem viveu a época auge do cineclubismo. Com os registros do CEC na imprensa mineira podemos analisar a importância dada ao cinema na cidade e além disso, mostrar como um movimento predominantemente jovem influenciou posteriormente lutas maiores pelo patrimônio de Juiz de Fora. O artigo traz também a evolução do espaço disponível para a cobertura cultural nos periódicos da cidade e repercute sua utilização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cineclubismo; CEC-Juiz de Fora; Imprensa Mineira.

<sup>1</sup>- Trabalho apresentado no IJ4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup>- Estudante do 9º período noturno de Comunicação Social da UFJF, bolsista do Projeto de Pesquisa: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: bprthai@hotmail.com

<sup>3</sup>- Estudante do 8º período noturno de Comunicação Social da UFJF, bolsista do Projeto de Pesquisa: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: ydesantana@yahoo.com.br

<sup>4</sup>- Orientadora do trabalho e coordenadora do projeto: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: musse@terra.com.br

## O pioneirismo do Cinema em JF

A história da produção cinematográfica de Juiz de Fora começa no início do século XX. Porém, desde o ano de 1897, a cidade já era reconhecida por ter recebido a primeira sessão de cinema de Minas Gerais.

Um dos precursores do cinema no Estado foi João Gonçalves Carriço<sup>1</sup> que criou em 1927 o Cinepopular com o *slogan*: “do povo para o povo”. Todos eram bem vindos às sessões de cinema, até mesmo aqueles que não podiam pagar, como mendigos e crianças de ruas. Carriço não fazia distinção entre os freqüentadores. Isso acabou lhe rendendo o apelido de “O Amigo do Povo”.

A sessão de cinema do Cinepopular era formada por um jornal de atualidades, um complemento nacional, desenho, filme principal e algum seriado. Na década de 20, Juiz de Fora já tinha 107 fábricas, 5.000 operários, 7 jornais e 5 cinemas. O primeiro cinejornal produzido por Carriço, em 1928, mostrava a saída de uma sessão do Cine Teatro Popular.

Ao contrário dos demais produtores, ele não era financiado pelo poder público nem pela elite. A família Carriço era dona da única funerária da cidade até então, portanto, todo lucro da funerária era investido na sua produtora a Carriço Film. Com a regulamentação da produção cinematográfica assinada pelo presidente Getúlio Vargas em 1932, a Carriço Film torna-se uma empresa de utilidade pública, sendo responsável por registrar todos os acontecimentos importantes da cidade. De 1934 até 1956, a Carriço Film registrou a vida social, política e cultural de Juiz de Fora.

No final dos anos 50, a cidade ainda mantinha seu ar cosmopolita europeu, fazendo jus a seu título de Manchester Mineira:

A cidade, ordenada, tinha bondes, poucos carros, muitos pedestres, cafés e casas comerciais de estilo europeu. Apesar do esvaziamento econômico, que fizera com que Juiz de Fora deixasse de ser o maior centro industrial mineiro, ainda sobrevivia uma elite que prezava a educação e o refinamento cultural.(MUSSE, 2008, p.2)

-

1- João Gonçalves Carriço foi um dos precursores do cinema em MG, nasceu em Juiz de Fora, em 27/07/1886 e faleceu em 1959.

Seu cenário urbano era claramente estratificado entre a elite aristocrática e a população de baixa renda. Alguns locais, como a Rua Halfeld, uma das ruas do centro da cidade, receberam denominações como parte alta e parte baixa, classificando assim os pedestres que por ali circulavam. Outras áreas da cidade eram inclusive chamadas de “zonas proibidas” sendo vistas como locais de intensa boemia.

Nesse contexto de imitação ao modelo europeu, frequentar o cinema era um hábito constante e considerado elegante. As sessões viviam lotadas. Ao todo já existiam nove cinemas na cidade: Cine Theatro Central, Palace, Excelsior, São Luiz, Popular, São Mateus, Rex e Paraíso, no centro, e Auditorium, localizado no Bairro Benfica, zona norte da cidade. Acostumada as matinées nos domingos, a geração dessa década teve o cinema como referência para a formação da sua base cultural.

Como podemos observar a sétima arte era muito influente na cidade mineira e tinha seus defensores. O cinema em Juiz de Fora sempre foi marcado pelo pioneirismo e pelas idéias inovadoras. Como expoente dessa influência que veio desde a Carriço Films, na década de 1950, notamos o aparecimento de grupos ligados ao movimento cinematográfico. Dentre eles, talvez o mais importante tenha sido o CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora.

### **CEC Juiz de Fora**

Em 20 de outubro de 1957, um grupo de jovens se juntava para dar forma a uma experiência cinematográfica sem precedentes na cidade mineira. Encabeçados por Luiz Affonso Queiroz Pedreira, tido como o primeiro presidente da instituição, Affonso Romano<sup>1</sup>, Helyon de Oliveira, Amaury Costa, Armando Medeiros, Celina Bracher e Reynoer Gonçalves fundaram o primeiro cineclube da cidade.

A proposta do CEC era a de ser uma entidade com finalidades culturais, relacionadas com o estudo do cinema como arte.

-

1- Affonso Romano de Sant'Anna, escritor, nasceu em Belo Horizonte, no dia 27 de março de 1937.

Seus associados estavam preocupados em discutir o fenômeno cinematográfico, no que ele tinha de mais específico, e, ao mesmo tempo, abranger a sua dimensão social que reflete e atinge a todos. Reconhecido como uma entidade de utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, através do decreto nº1339, o CEC sempre se empenhou em incentivar o estudo da sétima arte através de cursos, palestras, debates e exposições de filmes. Milton Dutra, ex-membro do CEC, explica a proposta do grupo:

A gente se reunia era mais no sentido de estudar cinema, pessoas interessadas na linguagem cinematográfica, de filmes que não eram exibidos no circuito comercial. Estudar a história do cinema principalmente e assimilar sua linguagem. Na verdade, todos se consideravam potenciais realizadores de cinema ou críticos de cinema. Então para isso, a gente promovia sessões, naquela época alugávamos filmes em distribuidoras de cinema. Nós íamos nas distribuidoras e alugávamos filmes de 16mm e exibíamos para o público. Não só para pessoas do nosso grupo, mas também para pessoas interessadas em cinema.(DUTRA, 2010)

Como toda entidade de caráter cultural, sem fins lucrativos, nos seus primeiros cinco anos, o grupo enfrentou dificuldades financeiras. Um exemplo disso é o apelo no Boletim Mensal do Grupo:

Importante: A partir do mês de novembro não serão admitidas nas sessões, pessoas que não possuam fichas no CEC. Pedimos também o obséquio de levarem sempre as exposições o talão de recibo do mês em curso. E pedimos que se evite o atraso no pagamentos. O CEC tem um programa vasto a ser cumprido, mas sem o apoio de todos volta ser o que já foi há muitos anos: um sonho. (NOVEMBRO, 1961, Boletim nº 2)

Apesar do período difícil, no início dos anos 60, o grupo consegue se reerguer e uma nova geração começa a despontar dentro do cineclube. Geração liderada por Geraldo Mayrink<sup>1</sup> que assume a presidência do grupo.

-

1- Geraldo Flávio Dutra Mayrink foi jornalista e escritor. Nascido em Juiz de Fora (MG), em 1942, morreu aos 67 anos, em São Paulo

Além de Mayrink, os integrantes dessa nova geração eram: Juan Ramón Conde, Ronaldo Mendonça, Paulo Simões, José Geraldo Amino, entre outros. Sob nova liderança o CEC conquista seu espaço no coração da cidade, mudando-se para a Rua Halfeld, nº 805, Edifício Baependi, na área central de Juiz de Fora.

Durante esse período de expansão, o apoio de duas instituições foram fundamentais para o CEC. A Aliança Francesa, que emprestava suas instalações e seu prestígio para as exposições semanais, e a França Filmes do Brasil, que oferecia os filmes gratuitamente, o que, posteriormente, foi um dos fatores essenciais para a independência econômica que já vinha sendo esboçada.

Com o fortalecimento, o grupo passa a se organizar. De acordo com o artigo 12 dos Estatutos do Centro de Estudos Cinematográficos, o CEC passa a ser administrado por uma diretoria composta por sete membros, retirados de seu quadro social, pela Assembléia Geral. A saber: “Presidente, Vice-Presidente, Secretário, 2º Secretário, Diretor Social, Diretor Tesoureiro e Diretor de Programação e Arquivo” (ESTATUTO DO CEC).

O estatuto previa que o mandato da diretoria era de um ano e que seus membros poderiam ser reeleitos. O presidente ficava responsável por supervisionar e fazer funcionar todos os serviços, representando o CEC ativa ou passivamente, em juízo ou fora dele, em geral, nas suas relações com terceiros, podendo delegar poderes e procurações a quem julgasse conveniente.

O secretário ficava encarregado do cuidado com o arquivo, recorte de todo e qualquer material relativo a cinema e ainda da correspondência. Já o segundo secretário tratava do controle dos associados e da parte técnica relativa à exibição dos filmes. O tesoureiro, por sua vez, providenciava os recebimentos e pagamentos do centro. Embora houvesse a nomeação de cargos hierárquicos, todos os membros tinham os mesmos direitos.

Ao mesmo tempo que, em Juiz de Fora, o CEC movimentava o circuito cinematográfico da cidade, em todo país, ocorria à explosão de movimentos cineclubistas, sendo organizados por jovens estudantes. Em Minas, o grande destaque era o CEC-BH<sup>1</sup> tido como modelo de referência para os cineclubes do estado.

-  
1- CEC- BH, conhecido como CEC Minas, foi fundado em 15 de setembro de 1951, na capital mineira, por Cyro Siqueira, Jacques Brandão e Fritz Teixeira de Salles.

Apesar da distância geográfica de Juiz de Fora à capital mineira, o CEC-JF conseguiu estabelecer fortes laços de amizade com o CEC-BH, se pautando muitas vezes em experiências já realizadas por esse. Como neste trecho de correspondência do presidente CEC-JF para o CEC-BH:

Juiz de Fora 09/09/1961

Para: CEC-BH

Há alguns meses, Petrônio Fonseca informou ao signatário que havia remetido pelo correio um volume contendo boletins seus referentes aos filmes apresentados. Como até hoje, não recebemos esse volume, pedimos que providenciem um outro, contendo tudo que não tiver mais valia para vocês.

(MAYRINK, 1961, Arquivo Histórico UFJF)

Mas os contatos do CEC-JF não se limitaram apenas às fronteiras mineiras, e ultrapassavam até mesmo as brasileiras, se afiliando ao Conselho Nacional de Cineclubes, em Brasília e à Federação Internacional de Cineclubes, em Paris, buscando assim um intercâmbio de informações e experiências.

No Brasil, o CEC ainda estabelecia relações com outros cineclubes e organizações como o Cineclube Santa Maria, do Rio Grande do Sul, Clube de Cinema do Paraná, Cineclube Cearense, Cinemateca do RJ, Art Films, Fotoptica SP, embaixadas e outras.

No fim da década de 70, o grupo começou a se dissociar, o principal motivo foi o fato de vários membros terem abandonado a cidade em busca da realização profissional em grandes centros urbanos (RJ e SP). O CEC deixou marcas na história, sendo responsável por fomentar a cultura na cidade.

A criação posteriormente de cursos e espaços destinados a promoção cultural simbolizam o que esse cineclube representou para a cidade. O Curso de Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora e o Museu de Arte Moderna são exemplos dessa continuidade de uma geração engajada com o movimento artístico. Nívea Bracher, que participou do CEC durante seu período ligado a Galeria Celina enfatiza essa importância:

Se você pegar todos os movimentos de Juiz de Fora, são pedacinhos da Galeria Celina, inclusive a Universidade Federal na parte de Arte. Então ela não acabou, ficou encantada, fisicamente, inclusive que ela virou ala de escola de samba da Unidos da Riachuelo. Então a Galeria Celina fez parte da vida desses jovens da década de 60 e ela foi importante não só pra nós, mas pro mundo inteiro. Porque os jovens

do mundo inteiro, na década de 60 estavam militando, e nós sem saber participamos desse movimento coletivo. (BRACHER, 2011)

## **O CEC e a Mídia**

O Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora teve seguramente pelo menos 20 anos de atividades contínuas. Da sua fundação, em 1957, até 1977 passaram por ele três gerações que posteriormente viriam a assumir papéis importantes na imprensa mineira. Dele, saíram jornalistas (críticos de cinema principalmente), artistas plásticos, músicos, pintores e todo tipo de profissionais. De acordo com Jorge Sanglard<sup>1</sup>, apesar de estar todo mundo ali junto eram tribos diferentes, com comportamentos diferentes, roupas, atitudes. “Era tudo muito junto, mas tudo muito separado ao mesmo tempo” (SANGLARD, 2011).

Todas as iniciativas propostas pelo CEC eram bem aceitas pela juventude da época, principalmente pela juventude estudantil. Parcerias feitas com o DCE<sup>2</sup> e a Galeria de Arte Celina<sup>3</sup> fizeram o que já estava tomando maiores proporções na cidade aumentar ainda mais.

A Galeria de Arte Celina era conhecida por reunir pessoas envolvidas com os diversos tipos de arte, literatura, música, cinema e artes plásticas. Juntos os dois organismos movimentavam o circuito cultural da cidade. “Então não tem onde começa a Galeria de Arte Celina e onde começa o CEC, os dois são uma coisa só, igual às mitocôndrias com a célula. O CEC e a Galeria Celina eram uma coisa só” (BRACHER, 2011).

-

1- Iniciou sua carreira profissional na década de 1970, como um dos fundadores do jornal alternativo "Bar Brasil" e da revista "D'Lira". É primeiro-secretário do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora e seu representante junto à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

2- Diretório Central de Estudantes - associação formada por estudantes universitários.

3- A Galeria de Arte Celina foi fundada em 1965 pela família Bracher e assumiu um importante papel na vida cultural da cidade.

Sanglard lembra que “todas iniciativas que eram feitas lá nunca era para meia dúzia sempre você tinha uma participação muito legal” (SANGLARD, 2011). É claro que esse aumento do interesse das pessoas pelos eventos realizados pelo Centro corroborou para o olhar da mídia chegar até o cineclube. É fácil de se encontrar nos jornais da época promoções de filmes, pré-estreias, chamadas para cursos, palestras e eventos.

#### Semana do Calouro

Continuando a programação da II Semana do Calouro o DCE e o CEC estarão apresentando hoje às 20 hrs na Faculdade de Direito o filme “Uma vida em suspense” dirigido por Sidney Pollack autor da conhecida obra “Essa mulher é proibida”.(DIÁRIO MERCANTIL, 1969)

As referências do CEC na mídia, muitas vezes ocorriam devido ao trabalho de participantes do cineclube nos jornais da cidade. Podemos perceber isso no Suplemento *Arte e Literatura* do *Diário Mercantil*, idealizado por Guima<sup>1</sup> nos anos 40.

Em meados dos anos 60, o suplemento passa a ser produzido por Décio Lopes e Rogério Bitarelli, que realizavam um importante trabalho de crítica.

“Eram quatro figuras: eu, Gilvan Procópio Ribeiro, Rogério Medeiros e Décio Lopes. Esta era, digamos, a frente de combate. Décio e Rogério trabalhando cinema, Gilvan fazendo poesia e crítica, e eu, sobretudo fazendo crítica.” (NETTO apud MUSSE, 2004)

Outro importante veículo de informação dessa época é o *Bar Brazil*, uma espécie de revista-jornal que dialogava com os diferentes campos das artes, trazendo em suas páginas entrevistas, ensaios, análises, contos, ilustrações e poemas, tendo uma grande repercussão na cidade. “Interessante lembrar a solicitação feita pela Biblioteca do Congresso, de Washington, para que lhe enviássemos exemplares.” (RIBEIRO, apud SANGLARD, 2002)

-

1- João Guimarães Vieira, artista plástico e jornalista colaborou também com o jornal Folha Mineira.

A realização de eventos de grande porte como os Festivais de Cinema e o Curso de Cinema, contribuía para aumentar a visibilidade no CEC pela mídia. Como exemplo, podemos citar o texto da “Coluna Jovem” escrita no *Diário Mercantil* em outubro de 1968:

O CEC destaca-se como responsável por inúmeras promoções de finalidade cultural e artística cujo gabarito conseguiu projeção em âmbito nacional. Um dos principais realizadores do I e II Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora, nos anos de 66 e 67, que trouxe os maiores nomes brasileiros entre autoridades do assunto...sabemos que além de numerosos projetos, uma das grandes preocupações do CEC é de formar um público consciente e de levar até eles filmes considerados obras-prima de cinema arte. (DIÁRIO MERCANTIL, 1968)

O primeiro Festival de Cinema aconteceu em 1966, através de uma iniciativa da prefeitura, que posteriormente passou a responsabilidade da organização para o grupo. A repercussão do primeiro festival levou a sua segunda edição em 1967, sendo incluído como parte das festividades da programação do aniversário da cidade. E até mesmo o jornal *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, registrou a passagem do festival da cidade.

#### Manchester 2º Festival

JF anuncia e convida para o 2º Festival de Cinema Brasileiro que começa depois de amanhã, como parte do 117º Programação do aniversário da cidade. A promoção do Festival é da prefeitura (adm Itamar Franco, do INC- Instituto Nacional de Cinema e da Associação Brasileira de Produtores Cinematográficos). Este ano o Festival irá de 29 de junho até 02 de julho. (DIÁRIO DE MINAS, 1967)

No mesmo ano, a promoção de um Curso de Cinema elaborado em parceria com a UFJF e o CEC BH direcionou mais uma vez os olhares da imprensa sobre a cidade. Foi considerado um dos melhores cursos de cinema do Brasil por vários professores e cineastas vindos de todas as partes do país. O curso recebeu destaque no *Diário de Minas*:

Dentro ou fora de currículos universitários é o melhor curso de cinema já dado no país inteiro este que se realiza, presentemente em Juiz de Fora. Esta impressão aliás não é nossa, vários dos professores (RJ, SP e BH) que por lá já passaram dizem o mesmo gravando sua

opinião no livro de promoções da Galeria de Arte Celina. (DIÁRIO DE MINAS, 1967)

O curso teve como objetivo uma retrospectiva da história do cinema desde o período do cinema mudo até os mais importantes movimentos existentes na Europa como o Neorealismo Italiano. Foram exibidos mais de 150 filmes e cerca de 1.400 slides para em média 40 alunos. Muitos cineastas e críticos de cinema famosos prestigiaram o evento: Murílio Hingel, Néelson Pereira dos Santos, Maurício Gomes Leite e outros.

Mas a cobertura feita pelos jornais do pioneirismo do CEC não trazia só divulgação de eventos, de mostras de cinema. Era comum também entrevistas com membros do grupo, principalmente com o presidente e vice-presidente do cineclube para saber as metas e expectativas. Nessa publicação do *Diário Mercantil*, Reuder Teixeira, vice-presidente do CEC aponta os problemas que o grupo enfrentava:

A ociosidade, o desinteresse e o inexplicável amor à burrice, de grande parte da juventude de Juiz de Fora, fizeram com que o CEC entrasse em agonia permanente; causando aos membros que heroicamente o defendiam a extinção completa, prejuízos financeiros e físicos pelas incontáveis noites de trabalho a fio, sem que com sacrifício fizemos exposições em faculdades, organizações de festivais e o maior curso de cinema já realizado no Brasil, por qualquer cineclube, obtivéssemos alguma recompensa por parte do público e da Prefeitura Municipal. (DIÁRIO MERCANTIL, 1968)

Além disso, os veículos mantinham a população informada a respeito das eleições do cineclube. Por exemplo, *Diário Mercantil* 1968:

#### CEC elege nova diretoria

Como antes havia anunciado a coluna: *Igreja em Marcha* realizou-se sexta feira passada a eleição da nova diretoria do CEC. O conclave teve como sede a Ação Católica. Diretoria presidente: Rogério Medeiros, vice-presidente: Reuder Teixeira, secretário José Cláudio. Para o conselho fiscal foram aprovadas as indicações dos seguintes nomes: Frei Domingos, Prof Geraldo Pimenta, Helena Crivelari e Luis Henriques. Foram concedidos títulos de sócios- beneméritos a: Frei Domingos, Dr. Geraldo Crivelari, Sra. Leda Schmidt. (DIÁRIO MERCANTIL, 1968)

Analisando os periódicos da época podemos dizer que o grande expoente do CEC - aquela atividade que teve mais relevância nos informativos regionais – na década

de 1960, além das citadas anteriormente, foi a eleição para os dez melhores filmes do ano. Em 27 de janeiro de 1969, o jornal *Diário Mercantil* dedicou duas páginas inteiras ao pleito descrevendo a eleição detalhadamente. Era o sexto ano consecutivo que a disputa era feita e, assim como nos anos anteriores, a eleição teve grande repercussão.

A matéria, veiculada no Caderno 2 continha, não só a lista dos 23 indicados como também uma breve biografia profissional dos integrantes da comissão julgadora. No ano, os filmes que ocuparam os três primeiros lugares foram:

- 1º) A Guerra Acabou de Alain Resnais – 74 pontos
- 2º) Fahrenheit 451 de François Truffaut – 54 pontos
- 3º) O Demônio das Onze Horas de Jean Luc Godard – 51 pontos  
(DIÁRIO MERCANTIL, 1969)

Mesmo cedendo espaço em suas páginas o jornal não deixava de ser crítico à qualidade das exhibições na cidade. “Oito classificações, vinte e três filmes – o que demonstra a péssima qualidade dos lançamentos na cidade – votados entre as centenas exibidos durante o ano” (DIÁRIO MERCANTIL, 1969).

Os integrantes do CEC muitas vezes estudantes, após se graduarem enveredavam pelos caminhos do jornalismo cultural o que proporcionava levar as lutas em prol da sétima arte mais além. Assim, foram aumentando sua área de atuação. As discussões em torno do cinema, das artes, se ampliou para a questão do patrimônio e a defesa de criar uma consciência de preservação em Juiz de Fora.

Um exemplo disso é uma carta escrita ao então prefeito Saulo Pinto Moreira, no ano de 1976, cujo conteúdo se tratava de um abaixo assinado para a negociação da prefeitura de Juiz de Fora com a Cinemateca de São Paulo para a preservação do acervo da Carriço Films.

Por falta de um local adequado para a preservação do acervo, no ano de 1973, parte da produção da Carriço Film tinha sido jogada no Rio Paraibuna<sup>1</sup>. De toda a produção somente uma porcentagem se salvou. Graças aos esforços dos integrantes do CEC, atualmente todo o acervo reúne 270 filmes que estão catalogados e guardados na Cinemateca Brasileira em São Paulo. Em Juiz de Fora, a Funalfa mantém 20 cópias em VHS de material capturado em 16mm e cerca de 100 cinejornais em VHS.

-

1- Principal rio que corta a cidade de Juiz de Fora.

Outro exemplo é a iniciativa de Jorge Sanglard que ao lado do jornalista e crítico de arte Walter Sebastião, ajudou a articular a divulgação do movimento e da campanha "*Mascarenhas, meu amor*" que, no início dos anos 1980, mobilizou artistas e a comunidade para a transformação da Fábrica Bernardo Mascarenhas em centro cultural. Tudo isso começou através do contato com a imprensa.

Zé Carlos Guimarães tinha um programa na Rádio Solar chamado *Flagrantes e Debate*. de uma hora...e a gente combinou com o Zé Carlos que ele ia ancorar o programa e eu e o Waltinho ajudávamos na produção. E a gente levava os artistas por área...de todas as áreas, pra discutir o que os artistas queriam pra cada área, quais eram as reivindicações para o novo superintendente da FUNALFA<sup>1</sup>, e aí nesses debates surgiu a luta das Mascarenhas, surgiu a luta pelo central surgiu todo um movimento....(SANGLARD, 2011).

Em Juiz de Fora existia uma produção muito diversificada. Exposições e shows movimentavam o circuito universitário. O espaço para a divulgação cultural era muito restrito no *Diário Mercantil* e no *Diário da Tarde*. Essa situação só foi mudar a partir de 1981 com a fundação do jornal *Tribuna de Minas* que criou um caderno de cultura autônomo, grande, e com mais espaço.

O jornalismo com enfoque cultural a partir daí ganhou mais espaço nas redações. Mas, ao analisarmos esses periódicos atualmente notamos que esse espaço se restringe à espaço físico propriamente dito. Ele é utilizado mais como uma forma de agenda cultural, com os filmes, peças teatrais, shows e eventos culturais em geral do que com grandes reportagens ligadas à cultura.

Na edição de 4 de abril de 2011, o *Caderno Dois* da *Tribuna de Minas* trouxe apenas três matérias voltadas o público que consome cultura. Mesmo assim, as matérias prezam mais o caráter de divulgação de eventos do que o caráter informativo. Exemplo disso é a matéria "Encontro de Gerações".

-

1- A Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage é a entidade responsável pelos projetos e ações culturais da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

O projeto de música instrumental do Caffé Jazz Trio reúne o teclado de Rodrigo Mendes, o trompete de Mário Mendes e a bateria de Zé Francisco no Brasador (Rua Machado Sobrinho 146), amanhã, a partir das 19h. Com repertório voltado para a música popular brasileira, a trinca apresenta ainda canções dos Beatles. "O sonho ainda não acabou, e os 'standards' de jazz são, também, os protagonistas dessa história", destaca Zé Francisco. O grupo tocará ainda no Bacco (Av. Independência 1.850 - São Mateus), na terça, às 20h, e na Cervejaria Barbante (Av. Senhor dos Passos 1.531 - São Pedro), na quarta, às 20h30 (TRIBUNA DE MINAS, 2011).

Talvez essa falta de um jornalismo cultural de qualidade seja reflexo da falta de interesse da juventude atual no setor. A análise da experiência do CEC na cidade mostra que a presença de pessoas engajadas proporcionou a movimentação e a efervescência necessárias para que a mídia voltasse seus olhos para as manifestações artísticas. Hoje, os movimentos culturais que existem não possuem a mesma força que outrora. O estudo do chamado "cinema de arte" se restringe às salas de aulas das faculdades. E as Mostras de Cinema já não acontecem mais com tanta regularidade, funcionando apenas como um espaço de exibição, pois seus frequentadores não se dispõem ao debate.

## Referências

Documentos: Boletins, Correspondências enviadas e expedidas, Artigos, Recortes de Jornais do CEC- JF. Período analisado de 1960- 1979.

MEDEIROS, Adriano. **Cinejornalismo Brasileiro: Uma Visão Através das Lentes da Carriço Film**. Juiz de Fora: Funalfa, 2008

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

\_\_\_\_\_. **Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV**. Niterói (RJ): UFF, 2008. Anais do Congresso Nacional de História da Mídia.

SANGLARD, Jorge (org). **Poesia em movimento antologia**. Juiz de Fora Ed: UFJF, 2002

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa Brasil – 1900-2000**. Ed Mauad Rio de Janeiro 2007.

COUTINHO, Mário Alves; GOMES, Paulo Augusto (org). **Presença do CEC – 50 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Ed. Crisálida, 2001.

SIRIMARCO, Martha. **João Carriço o amigo do povo**. Juiz de Fora: Funalfa, 2005

TEIXEIRA, Rogério. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant'Ana Arantes. Juiz de Fora, 16 de setembro de 2010.

DUTRA, Milton. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant'Ana Arantes. Juiz de Fora, 28 de setembro de 2010.

ROMÃO, José Eustáquio. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant'Ana Arantes. Juiz de Fora, 1 de novembro de 2010.

BITARELLI, Rogério. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant' Ana Arantes. Juiz de Fora, 19 de novembro de 2010.

BRACHER, Nívea. Depoimento. Entrevistadores: Brênio Peters Ribeiro e Haydêe Sant'Ana Arantes. Juiz de Fora, 17 de fevereiro de 2011.

BRACHER, Décio. Depoimento. Entrevistadores: Brênio Peters Ribeiro e Haydêe Sant'Ana Arantes. Juiz de Fora, 18 de fevereiro de 2011.

SANGLARD, Jorge. Depoimento. Entrevistadores: Brênio Peters e Haydêe Sant'Ana Arantes. Juiz de Fora, 25 de março de 2011.

Encontro de Gerações. Tribuna de Minas. Acessado em 04/04/2011. Disponível em: <http://www.jfclipping.com.br/acesso/?id=33224&midia=JF%20Clipping&url=http://jfclipping.com/index2.htm&titulo=Edi%E7%E3o+de+Hoje>